

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cavalo Preto

Anna Sewell

leon



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cavalo Preto

Anna Sewell



Clásicos Juvenis
Ilustrados

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cavalo Preto

Anna Sewell

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1973, 1985 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela

EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Texttype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 503

Acabado de imprimir em Agosto de 1985

Depósito Legal n.º 5930/84



A Autora

Anna Sewell nasceu em Yarmouth, Inglaterra, em 1820. Em consequência de uma queda dada em criança, ficou inválida para o resto da sua curta vida.

Em criança, passou muitos dias a acompanhar o pai ao trabalho. O sentar-se no lugar do cocheiro fê-la começar a simpatizar com os cavalos. O cavalo não podia exprimir o que sentia.

Estava sujeito à vontade do homem. Anna Sewell desejava que essa vontade fosse bondosa e escreveu «O Cavalo Preto» (Black Beauty) para traduzir os sentimentos e contar a história deste cavalo. É do seu ponto de vista que nos apercebemos do sofrimento da adaptação a um freio, de carregar um fardo pesado por uma subida íngreme ou de estar muitas horas ao frio.

Uma das maiores queixas de Anna Sewell era contra a gamarra usada pelos que gostavam de seguir a moda. Essas rédeas são dolorosas.

Surpreendentemente, os cavalos das carruagens que acompanharam o funeral de Anna usavam gamarras. A sua mãe exigiu que fossem retiradas, em homenagem à voz simpática desse animal sem fala, o cavalo.

Anna Sewell

O Cavalo Preto

Adaptação
NAUNERLE FARR

Ilustração
RUDY NEBRES

Produção
VINCENT FAGO



Ginger



Black Beauty



Squire
Gordon



Jerry



Senhora
Gordon

«Os homens são mais fortes e são cruéis, sem sentimentos. Não podemos fazer nada a não ser aceitar isso.» Assim falava a minha amiga Ginger. Eu, porém, enquanto jovem tive sorte.



Já conheci muitos donos... homens e mulheres cruéis e descuidados, outros bons e amáveis. Já puxei carruagens elegantes e carros pobres. Até salvei algumas vidas, assim como salvaram a minha. Foi assim que tudo começou...

O primeiro lugar de que me lembro bem era um prado com uma lagoa e árvores que davam sombra.



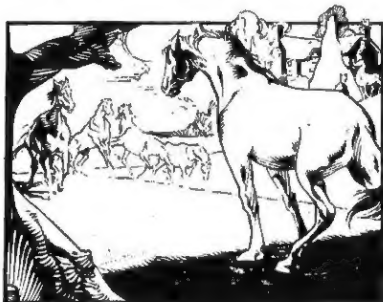
Enquanto era pequeno, bebia o leite da minha mãe porque não podia comer erva.



De dia, corria com ela ou brincava com os outros potros. Às vezes, as brincadeiras eram violentas.



Um dia, a minha mãe relinchou
para que fosse ter com ela.



«Ouve bem o que te vou dizer...
tu foste bem educado.»



«O teu avô
ganhou as
corridas de
Newmarket
há dois
anos.»

«A tua avó era mansa e tu nunca me
viste escoicear ou morder. Espero
que venhas a ser dócil e meigo.»

«Trabalha com boa vontade,
levanta as patas ao trotar e nunca
mordas nem escoiceies.»



O nosso dono era um homem bom. Dava-nos comida, abrigo e falava-nos meigamente.



Dutchess, como vai o teu potrozinho?

Um dia, apanhou um rapaz a atirar pedras aos potros para os afugentar.



Certa vez, quando eu já tinha dois anos ouvimos os latidos dos cães de caça.



lol lol
lo-o!

Que maldade! Não quero voltar a ver-te aqui!



Encontraram um coelho. Se vierem para aqui, veremos a caçada.

*Surpreendido, vi os caçadores aparecerem na margem,
saltarem o ribeiro e atravessarem o campo a correr.*



*Perto do local onde
estávamos, saltaram
uma sebe alta.*



*Um dos
cavalos
caíu; ele e
o cavaleiro
ficaram no
chão,
imóveis.*



O jovem foi levado dali e o veterinário veio examinar o cavalo.*



O veterinário disse que o cavalo partira uma pata, não tinha cura. Ouviu-se um tiro, e o cavalo ficou imóvel, morto.



A minha mãe parecia preocupada. Não compreendia porque os homens gostavam deste desporto. Tudo por um coelho que podiam arranjar de outra maneira mais fácil.



Poucos dias depois, vimos passar uma estranha carruagem preta. Transportava o jovem cavaleiro, que ia a enterrar



** médico que trata de animais*

O meu dono só me vendeu aos 4 anos. Dizia que os potros não deviam trabalhar como os cavalos.

O pior do ensino era o freio. Nem calculam como é desagradável sentir um grande bocado de aço metido na boca.

Sim, serve muito bem.

Eu próprio o ensino. Não quero vê-lo magoado nem assustado.



Mas o meu dono dava-me aveia e deixava-me habituar a ele devagar.

Assim é que é. Tens de tirar partido dele.



Depois veio a sela e não era muito mau. Uma manhã, o meu dono montou-me e levou-me a passear pelo campo. Sentia-me tão vaidoso!



Estás a sair-te bem!

A dificuldade seguinte foram as ferraduras. O ferrador pegou nas minhas patas uma a seguir à outra.



Depois, ensinaram-me a usar um arreo e a puxar carros e carruagens.



Em Maio, veio um homem do Squire* Gordon para me levar.

Adeus... e sê um bom cavalo!



Na manhã seguinte, John Manly, o cocheiro, fez-me sair para me experimentar e o Squire Gordon veio ver-me também.

Excelente... veloz como um veado, mas bem treinado.



* título dado em Inglaterra aos nobres rurais

No dia seguinte, o Squire levou-me a passear. No regresso, conheci a minha dona.



Como lhe
havemos
de chamar?

Black Beauty*
... porque é
o que ele é.

Tinha um bom lugar no estábulo, o melhor da cavalaria. Ao meu lado estava um pônei gordo e cinzento.



Como estás?
Como te
chamas?

O meu nome é
Merrylegs. Sou
a montada**
das meninas.

Nessa altura, a cabeça de uma égua castanha, alta e bonita, virou-se para mim.

Foste tu que
correste comigo
da minha
cocheira!

Eu não corri com
ninguém. O cocheiro
pôs-me lá. Eu só quero
ter sossego.



Foi o Merrylegs que me contou que a Ginger fora mudada pelo seu mau feitio. Um dia, a Ginger conversou comigo.

Com uma educação como a tua podia ter também bom feitio. Nunca tive quem fosse meigo comigo.



* beleza negra

** cavalo que serve para montar

«O meu ensino foi muito duro», disse a Ginger. «Foi tudo feito à força. Vários homens encurralaram-me num canto do pasto.»



«Um deles prendeu-me pelas crinas da cabeça, outro segurou-me o focinho e o outro obrigou-me a abrir a boca.»



«Havia um homem chamado Samson que me queria fatigar. Obrigava-me a correr à volta até estar exausta.»



«Um dia, quando já estava cansada, montou-me e pôs-me o freio novo na boca. Parei de repente e ele começou a chicotear-me.»



«Comecei a escoicear e a saltar. Foi uma verdadeira luta. Ele bateu-me com o chicote, mas acabei por atirá-lo ao chão.»

«Corri pasto abaixo e fiquei muito tempo ao sol. As moscas juntavam-se nos meus flancos* feridos. Por fim, apareceu o pai de Samson.»



«Era um velho simpático, de voz meiga. Levou-me para a cavalaria. À porta estava o Samson e eu dei-lhe uma dentada.»



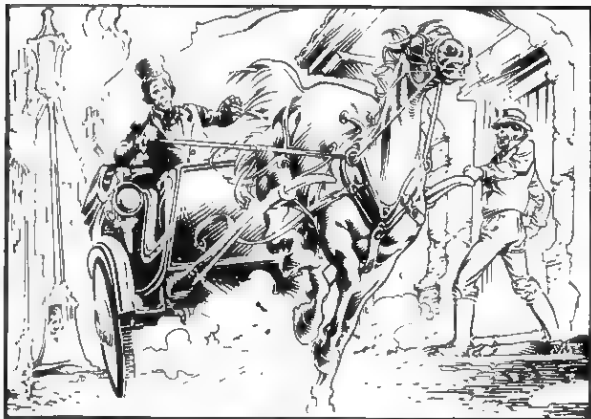
Já fizeste mal que chegue! Um homem com mau feitio não faz um cavalo dócil!

«Fui vendida a um cavaleiro de Londres que nada percebia de cavalos. Só os queria para parecer bem e fazia-os usar a gamarra.»

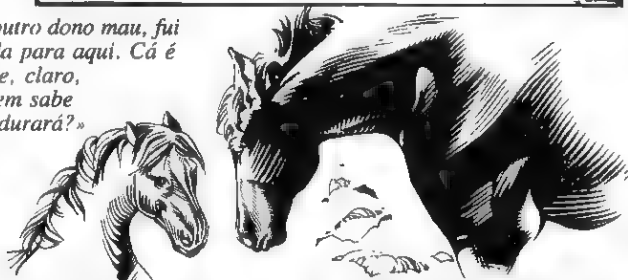
Mais curta! A cabeça bem levantada!



«O pescoço e a traqueia doíam-me, quase não podia respirar. Um dia, comecei a saltar e a escoicear e parti os arreios. E assim acabou aquele lugar.»



«Após outro dono mau, fui mandada para aqui. Cá é diferente, claro, mas quem sabe quanto durará?»



Corriam as semanas e a Ginger tornava-se mais dócil e alegre.



Parece-me que a égua começa a gostar de mim.

Ela só precisa de carinho, coitada.

Um dia, no fim do Outono, fui atrelado ao carro pequeno para levar o Squire Gordon numa viagem de negócios.



Caminhámos alegremente até chegarmos a uma cancela e a uma ponte baixa de madeira.



A corrente está muito forte. Creio que a noite vai ser má.

Quando, ao fim da tarde, regressávamos a casa, o vento estava muito forte

Tomara que saíamos depressa desta mata!



De repente, com um grande estalido, um velho carvalho partiu-se, atravessando-se na estrada.

Foi por um triz! E agora?



Teremos de usar
outra estrada.
Ainda são
9 quilômetros
até à ponte.



Quando lá chegámos
era quase noite.

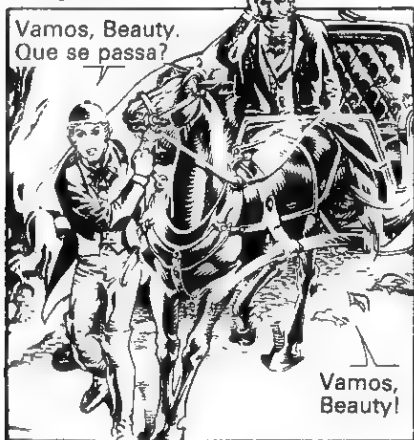
A água já
tapou o meio
da ponte.

Acontece,
às vezes,
durante
as cheias.



Mul pisei a ponte
senti que algo estava
mal e recusei-me a
avancar.

Vamos, Beauty.
Que se passa?



Vamos,
Beauty!

Párem! Não
avancem!





A ponte está partida
no meio! Se
avancarem serão
levados pela corrente!

*O John levou-me por outra estrada
e, finalmente, conseguimos voltar a casa*

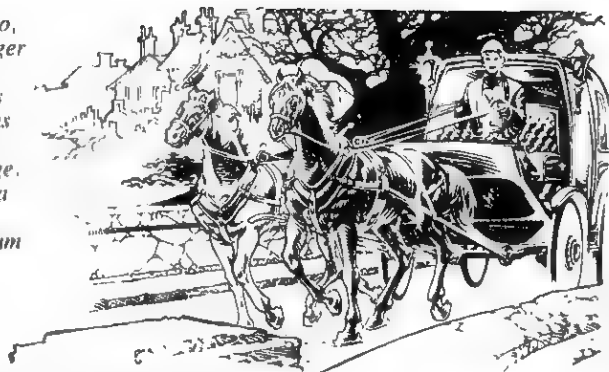


Estava tão
aflita, querido!
Tiveram algum
acidente?

Não, querida... mas se
o Black Beauty não
tem sido mais sensato
do que nós,
ter-nos-famos afogado
ao passar a ponte.



Depois disto,
eu e a Ginger
levámos os
meus donos
a visitar uns
amigos que
viviam longe.
Na primeira
noite
parámos num
hotel.



Dois cavaleiros* vieram buscar os cavalos. O John
ficou a ver se nos limpavam e escovavam bem.

Que animal dócil.
Foi bem treinado.



Depois de comermos, adormeci.
Mas acordei alarmado durante
a noite. O ar estava denso e
sufocante.



Alguém gritou, «Fogo!». Um dos
cavaleiros entrou a correr e tentou levar
os cavalos para fora, mas estava tão
assustado que nos assustou ainda mais.



Os cavalos
não querem
sair.

* moço de cavalaria



Então,
ouvi a voz de
John, calma
e animadora
como sempre.

Vamos, Beauty.
Temos de sair
deste fumo.



Segure neste cavalo,
enquanto vou buscar
o outro.

O John voltou à cavalaria.
Relinchei alto, ao vê-lo
afastar-se.

Havia fumo e chamas e algo se
partiu. Vi o John conduzir a
Ginger por entre as chamas.



Que coragem!
Estás ferido!

N-não,
é só
fumo!

O resto da viagem decorreu normalmente e, poucos dias depois, voltámos para casa. Aí, uma noite, fui acordado pelo sino da cavalaria que tocava com força.



O John entrou a correr e antes que eu pudesse pensar pôs-me a sela no lombo.



Acorda, Beauty! Tens de ser veloz!

Encontrámos o Squire à porta de entrada.

John, corre para salvars a senhora. Ela precisa do médico, já!



Eu não precisei nem de chicote nem de espora. Corri o mais depressa que pude.



Após uma corrida de 12 quilômetros, chegámos a casa do médico. O John bateu desesperado à porta.



Que é?

A senhora Gordon está doente... trago um bilhete do Squire Gordon.



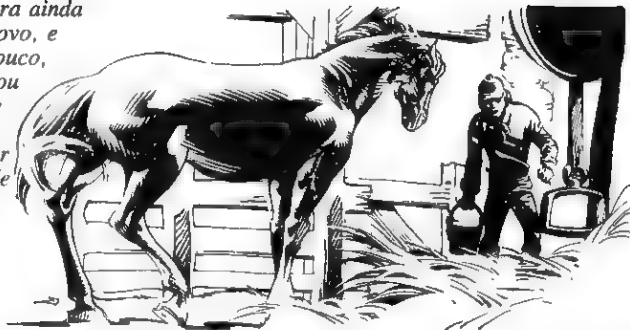
Quando chegámos a casa, o meu dono estava à nossa espera. Acompanhou o médico e o Joe Green levou-me para a cavalariça.



As patas tremiam-me, mal me aguentava de pé e estava ofegante. Tinha o pêlo encharcado. Estava coberto de suor.



O Joe era ainda muito novo, e sabia pouco, mas estou certo de que fez o melhor que pôde



Deu-me um balde com água fria, feno e milho e foi-se embora.



Dali a pouco comecei a tremer e fiquei com muito frio, em especial, no peito. Queria ter o John ali, mas ele tinha 12 quilómetros para andar. Deitei-me e tentei dormir.



Passado um bocado, ouvi o John. Gemi baixinho. Num instante estava ao meu lado.



Miúdo estúpido! Sem cobertor! E aposto que te deu água fria!

Estive muito doente durante bastante tempo. John olhou por mim dia e noite. Também o meu dono me vinha ver muitas vezes.

Pobre Beauty. Meu bom cavalo, salvaste a vida da tua dona.

Nunca vi um cavalo correr tão depressa. Parecia saber o que se passava.



Uma noite, o pai do Joe Green foi ajudar o John a tratar-me.

Gostava que falasses com o Joe. O rapaz está tristíssimo. Sabe que a culpa foi dele, mas só porque não sabia o que fazia.

Ele não é mau rapaz... mas logo com aquele que é o meu preferido! Tentarei confortá-lo amanhã... se o Beauty estiver melhor.



Quanto ao não saber o que fazia, podia tê-lo matado, mesmo sendo sem querer.

Mas eu melhorei e o Joe Green começou a dar-se bem: aprendia depressa e era tão cuidadoso que o John começou a confiar nele. E a partir daí, nada irritava mais o Joe do que ver um cavalo maltratado!



Vivi feliz em casa do Squire Gordon durante 3 anos, mas a saúde da minha dona piorou e o médico aconselhou a família a ir para um país mais quente. A Ginger e eu levámo-la à estação.

Adeus, senhor, e muita sorte para ambos!

Adeus e muito obrigado a todos!



O Merrylegs foi para os Blomefield e o Joe Green foi cuidar dele.

Lembra-te do que te ensinei.



Boa sorte, senhor, e obrigado.

A Ginger e eu fomos vendidos a um amigo do Squire, o conde de W-. O John levou-nos à mansão do conde e entregou-nos ao Sr. York, o cocheiro.

Não creio que haja dois cavalos como estes no país. Tenho pena de me separar deles.



Devo dizer que nunca usaram gamarra.

Aqui terão de usá-la. O senhor conde é razoável, mas a senhora exige elegância!



A gamarra é uma rédea curta que mantém a cabeça do cavalo levantada e o pescoço arqueado. Quando o nosso dono nos veio ver, o York disse-lhe o que o John lhe contara.

Acho que a usarão, se forem habituados a ela. Falarei com a senhora condessa.



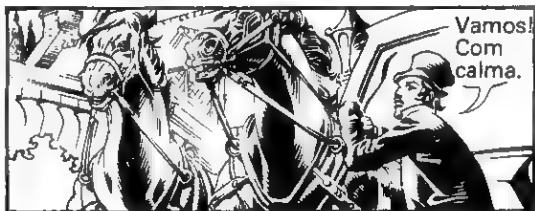
Nessa tarde, atrelaram-nos à carruagem para levar a senhora a sair. Usei a gamarra pela primeira vez. Estava larga e não era muito mau.



Então, chegámos a uma subida íngreme. Quis pôr a cabeça para a frente e puxar a carruagem com a força do meu corpo todo, mas tive de puxar com a cabeça levantada e fazer força só com as patas e o lombo.



As rédeas foram sendo encurtadas. Comecei a ter medo de ser atrelado. A Ginger também estava irrequieta.



Um dia, a senhora condessa desceu mais tarde que o habitual e vinha zangada.

Levante-lhes as cabeças imediatamente! Não quero voltar a ver isto!



No momento em que o York tocou na rédea da Ginger para a encurtar, ela aproveitou a ocasião e escoiceou.

Depressa! Cuidado!



A Ginger continuou a saltar, a empinar-se, a escoicear, até que acabou por cair.

Desatrelem o cavalo preto! Soltem a lança da carruagem! Cortem esta corrente!



A Ginger não voltou a puxar a carruagem. Um dos filhos usava-a na caça. Eu usei a gamarra durante 4 meses, até que o conde e a senhora foram para Londres. Então, tornei-me a montada de Lady Anne, uma das filhas.



Era uma boa cavaleira, que montava à amazona. Saíamos muitas vezes com um senhor chamado Blantyre, que montava uma égua de nome Lizzie.



Esta Lizzie é uma maravilha... é muito boa de montar e é cheia de vida.

Um dia, Lady Anne mandou que pusessem a sela dela na Lizzie e a outra em mim.

Que se passa?

Quero montar essa Lizzie que tanto gaba!



Não o faça! Ela é muito nervosa para uma senhora!

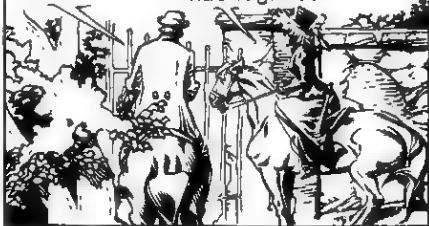
Quero experimentá-la, por isso ajude-me a montar!



Blantyre tinha uma carta a entregar na vila. Desmontou e pendurou a rédea no portão.

Não me demoro nada!

Não tenha pressa. Eu e a Lizzie não fugimos!



Depois de ele se afastar, apareceu na estrada um rapaz a chicotear uma manada de potros. Um deles aproximou-se demais da Lizzie e assustou-a.



Calma,
Lizzie!

Tentei acalmá-la.



Mas ela começou a correr.



*Relinchei alto para pedir ajuda e
Blantyre apareceu a correr.*



*Saltou
para a sela
e partimos
atrás
delas.*

*A estrada era a direito durante dois
quilómetros e depois dividia-se...*



Para onde foram?

*Para a
direita!
Para o
parque!*

*O parque
tinha um
piso
irregular,
era um mau
sítio para
correr.
Estávamos a
apanhá-las
quando se
aproximaram
de um ribeiro.*



*Isto vai
decerto
pará-las!*

Lizzie armou salto,
mas tropeçou
na margem
e caiu.



Elas
caíram!

Com um salto
largo atravessei
o ribeiro e
a margem.

Esforça-te,
rapaz!

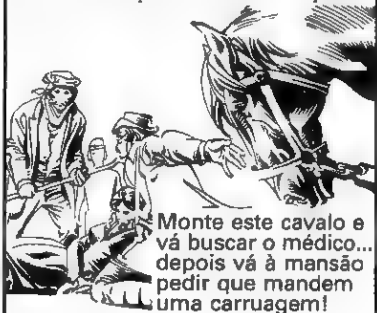


Blantyre ajoelhou ao pé da minha
dona e ergueu-lhe a cabeça. O seu
rosto estava
pálido.



Querida
Anne,
fale!

Blantyre chamou uns homens que
andavam a aparar arbustos ali perto.



Monte este cavalo e
vá buscar o médico...
depois vá à mansão
pedir que mandem
uma carruagem!

Houve grandes correrias e excitação e entretanto fui levado de volta para a cavalaria. Dois dias depois, Blantyre veio visitar-me.

O cavalo apercebeu-se como eu do perigo que Anne corria. Eu não teria conseguido impedi-lo.



A Anne voltará a montar em breve e não deve fazê-lo noutro cavalo senão neste!



Foi bom saber que a minha dona estava a melhorar.

Enquanto o York esteve em Londres com o senhor conde, as cavalaria foram entregues a Reuben Smith. Era meigo e esperto com os cavalos e todos gostavam dele. O seu único defeito era gostar de beber. Um dia, levou-me à cidade e deixou-me à porta da White Lion.



Dá-lhe de comer e tem-no pronto às quatro horas.

Sim, sr. Smith.



Só veio buscar-me às nove horas e estava embriagado.



O caminho tinha muitas pedras. Aquela velocidade a ferradura soltou-se ainda mais e acabou por cair. Se não tivesse estado a beber, o Smith teria reparado que alguma coisa estava mal.



Sem uma ferradura, sobre pedras grandes e pontiagudas, vi-me forçado a correr o mais depressa que podia. A pata doía-me muito, o casco estava aberto e, no interior, tinha um golpe fundo.



Mais depressa, criatura desajeitada!

Aquilo não podia continuar, a dor era muito forte. Tropecei e caí em cima dos joelhos. O Smith foi lançado ao chão com muita força.



Levantei-me e coxeei até à berma da estrada. O Smith gemeu e depois ficou imóvel.



*Já era meia-noite quando
vieram à nossa procura.*

*É o Reuben!
Receio que
esteja morto!*



*Vejal Ele está
ferido na pata
e nos joelhos...
o casco tem
vários
cortes.*



*O Reuben não teria
forçado o cavalo a andar
sobre estas pedras sem
uma ferradura, se
estivesse em seu juízo!
Deve ter andado a beber.*



*Pegaram no
corpo de
Reuben e
puseram-no
na carruagem.
O Robert
guiou-me
até casa
devagar,
porque eu
coxeava
muito.*



Finalmente, cheguei à cocheira. O veterinário veio e começou um tratamento longo e doloroso.



Mais tarde, fui levado para um pequeno prado. Um dia, a velha Ginger veio juntar-se a mim. A princípio, gostei de vê-la...



... mas depois fiquei triste ao saber a razão. A maneira descuidada e dura de montar de Lord George dera cabo dela.

Dois belos cavalos arruinados no princípio da vida ...um por um bêbedo, outro por um imbecil!



Sei que o Robert não teria falado se lá estivesse mais alguém, mas nós ouvimo-lo.

É uma pena, mas não quero um cavalo com os joelhos assim. Ele tem de ser vendido.



E, assim, fui enviado para Bath e vendido ao dono de uma cavalaria que alugava cavalos.

Era bem alimentado e bem tratado, mas era alugado a todo o tipo de pessoas e trabalhava para todo o género de maus condutores.

Os que gostavam das gamarras, falavam em «Ter o cavalo na mão».



Os que gostavam das rédeas largas deixavam-nos tropeçar e andar de lado.



Havia também o condutor apressado que queria que partíssemos a alta velocidade...

Mexe-te, bicho preguiçoso!



... e parássemos da mesma maneira.



Mas também havia bons condutores. Um deles, o sr. Barry, afeiçoou-se a mim e comprou-me. Levou-me para uma cavalaria perto da casa dele.



Sei pouco de cavalos, mas quero-o bem tratado. Muita aveia, feijão e farelo...

*Pensei que tinha sorte,
mas dias depois
já não comia tanta
aveia.*



*Em poucas semanas comecei a ficar
fraco. Um dia, o sr. Barry levou-me ao
campo para visitar um amigo dele.*

**Parece-me que o teu cavalo já não está
tão bem como da última vez que o vi.**

**Está menos alegre, mas o
cavalariço diz-me que os
cavalos ficam tristes no
Outono.**



**No Outono? Tretas! Ele não está a ser
bem alimentado! Deves ver o que se
passa. Há homens capazes de roubar
a comida a um cavalo.**



*Se eu soubesse falar, ter-lhes-ia
dito para onde ia a minha
aveia. Todas as manhãs, o
cavalariço levava o filho à
caixa da aveia...*



**Não espalhes nada...
e vai direitinho
para casa!**

Mas o meu dono andou a investigar e dias depois, quando o rapaz ia a sair, entraram dois polícias que o seguraram.

Sabemos que o teu pai cria coelhos. Mostra-nos onde guarda a comida para os coelhos.



Ele não podia fugir e levou-os até à caixa.



Encontraram o cavalariço na minha cocheira.

Vem!
Acabou-se!



Não sei o que querem! Sou um homem honesto! O miúdo mentiu!

Soltaram o rapaz, mas levaram o cavalariço para a cadeia.



Dias depois chegou um novo cavaleiro. Passava muito tempo diante do espelho na casa dos arreios a cuidar do cabelo, das patilhas, a ajeitar a gravata. Dizia sempre «Sim, senhor» ao patrão e todos diziam que o sr. Barry tivera sorte em encontrá-lo.



Mas era tudo falso. Era o cavaleiro mais preguiçoso que já vi. Não me limpava as patas, nem verificava as ferraduras, nem me escovava bem. Deixava-me a sela húmida e a correia de couro endurecida.

Um dia, o sr. Barry entrou lá.

A cavaleiriza cheira mal. Não devia esfregar a cocheira e deitar-lhe bastante água?



É muito perigoso deitar água numa cocheira. O cavalo pode constipar-se.

As patas estavam tão doloridas da sujidade que comecei a tropeçar. O sr. Barry levou-me ao veterinário.

Este cavalo sofre de mal de casco. É apanhado em cavaleirizas sujas, onde a palha não é convenientemente limpa.



Bem tratado melhorei depressa. Mas o sr. Barry ficou tão zangado por ser enganado duas vezes, que desistiu de ter cavalos e eu fui levado a uma feira para ser vendido.



Todos se afastavam quando viam os meus joelhos.

Não posso ter um cavalo defeituoso nas minhas cavalariças...



Alguns examinavam-me com aspereza, como se fosse um bocado de madeira.

Dou-lhe vinte e três libras.



É pouco!

Apareceu um homem de voz calma com quem percebi logo que me daria bem.

Devagar, meu velho. Dou-lhe vinte e quatro libras.



Vinte e cinco e ele é seu!

Vinte e quatro e dez e
nem mais um centavo!

Está bem
e olhe que
é pouco por
um cavalo
tão bom.



O dinheiro foi pago logo e depois de
bem alimentado, o meu novo dono
levou-me para Londres.

Meu velho, acho
que nos vamos dar
bem um com o outro!



Já escuro, chegámos a uma
casa bastante pobre que ficava
numa rua estreita.

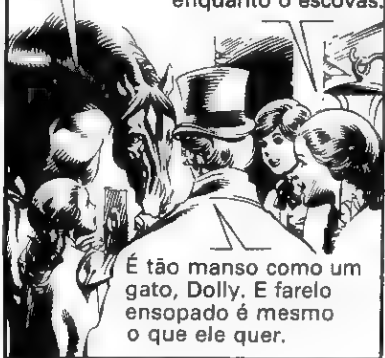
Oh, Jerry, sempre
comprastes!

Abre as portas, Harry,
e traz uma lanterna.



Ele é dócil,
pai?

Vou buscar
farelo ensopado,
enquanto o escovas.



É tão manso como um
gato, Dolly. E farelo
ensopado é mesmo
o que ele quer.

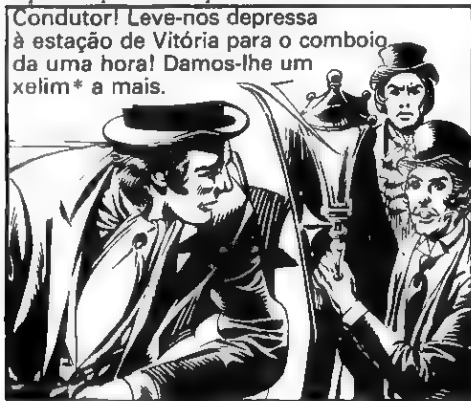
Depois de uma excelente ceia,
deitei-me numa cocheira quente e
limpa e senti que ia ser feliz.

O meu novo dono, Jerry Barker, tinha uma carruagem que ele próprio conduzia. Nunca conheci homem melhor do que ele, nem família mais feliz do que a sua.



Preocupava-se com o cavalo como se preocupava com ele. Um dia, dois homens de aspecto apressado aproximaram-se de nós.

Condutor! Leve-nos depressa à estação de Vitória para o comboio da uma hora! Damos-lhe um xelim* a mais.



Levo-os ao preço normal, meus senhores. O dinheiro não paga a pressa.



* moeda inglesa

Têm aqui a minha carruagem. O Jerry não vai mais depressa do que a trote.



E partiu, rapidamente, chicoteando o cavalo cansado.



Não, meu velho, um xelim não paga uma coisa destas.

Nos dias de festa havia muita gente e muito que fazer. Uma pobre mulher apareceu com uma criança já crescida nos braços.

Por favor, pode dizer-me o caminho para o hospital de St. Thomas?

Não consegue chegar lá a pé. São 4 quilómetros e essa criança é pesada!



Podem atirá-la ao chão e passar por cima da criança. Entre para a carruagem. Eu levo-a lá em segurança!



Não, obrigada. Só tenho dinheiro para voltar para casa.

Entre para a carruagem. Eu levo-a de graça.



Quando o Jerry ia abrir a porta, aproximaram-se dois homens.

Esta carruagem está reservada para esta senhora.

Condutor!

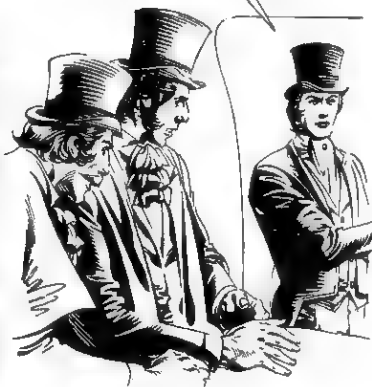


Senhora? Ela pode esperar. Este assunto é urgente.

Além disso, nós chegámos primeiro.



Muito bem, eu posso esperar até que os senhores saiam!



Os homens acabaram por sair,
insultando o Jerry e nós
partimos a caminho do
hospital.



Mil vezes obrigada!
Não teria chegado cá,
sozinha.

Não tem de quê. Espero
que o seu filho
melhore depressa.



O Natal é uma quadra alegre, mas para
os condutores e para os seus cavalos não
é brincadeira. Muitas vezes, temos de
esperar horas à chuva e ao frio.

Polly, a mulher do Jerry,
preocupava-se com a sua
saúde e ficava sempre à
espera dele.



Vou arranjar uma coisa
quente para os dois!



Na véspera de Ano Novo, levámos dois senhores a uma casa no West End às nove horas.*



Ao bater das onze estávamos à porta, mas ela não se abriu.



Começou a cair granizo. Estava muito frio e não tínhamos onde nos abrigar. Deu a meia-noite e depois a uma.



Os homens saíram à uma e um quarto e nem ao menos pediram desculpa. Eu tinha as pernas geladas e o Jerry estava com muita tosse.



* bairro residencial de Londres

Quando chegámos a casa, o Jerry mal podia falar. A Polly não fez perguntas e abriu-nos a porta.

Vou arranjar uma coisa quente para o Beauty e vou aquecer-te uma sopa.



Na manhã seguinte as notícias eram boas.

O meu pai está melhor. A minha mãe acha que ele vai ficar bom!

**Graças a Deus!
É o melhor homem que conheço.**



Durante dias, Harry, o filho, é que veio à cavalaria. Tratava-me bem, mas estava preocupado e falava pouco.

Como está o teu pai, rapaz?

Muito mal. O médico diz que esta noite vai ser decisiva.



O Jerry melhorou, mas o médico disse que ele não devia voltar a ser condutor. Um dia, enquanto o Harry me escovava, a Dolly entrou a correr.

Harry, a senhora para quem a mãe trabalhava escreveu a dizer que fôssemos viver para perto dela e que o pai podia ser seu cocheiro!

Isso é maravilhoso... mas vamos ter de vender o Beauty!



Para que eu tivesse uma boa casa, o Jerry vendeu-me a um comerciante de milho que ele conhecia. A despedida foi muito triste.

Pobre Beauty. Querido cavalo! Gostava de poder levar-te connosco.



Infelizmente, o meu novo dono tinha um empregado que andava sempre a correr e a apressar todos.

Põe os outros sacos, Jakes. É escusado fazer duas viagens quando uma só chega.

Está bem, mas é muito peso para o cavalo.



O Jakes punha-me sempre a gamarra apertada, o que me impedia de puxar com facilidade.



Um dia, ia muito carregado e a subida era muito íngreme. Usei todas as minhas forças, mas não consegui avançar.

Anda preguiçoso, ou obrigo-te a puxar!



Estava a chicotear-me com força quando apareceu uma senhora.

Não chicoteie mais o cavalo. A estrada é íngreme e estou certa de que ele está a fazer o melhor que pode.



Se o melhor não chega para carregar os fardos, vai ter de se esforçar ainda mais, minha senhora!

O fardo não é muito pesado?

É sim. Mas o patrão quer assim e eu tenho de fazer o que ele manda.



Deixe-me tirar-lhe a gamarra e ele já pode puxar melhor.

Tudo para agradecer à senhora.



Tiraram-me a gamarra e imediatamente baixei a cabeça até aos joelhos. Que alívio!

Pobrezinho! Era mesmo isto que ele queria.



Baixei a cabeça, atirei o peso contra a coelheira e puxei a carroça estrada acima. A senhora acompanhava-nos pelo passeio.*



Como vê, ele não se recusa a puxar desde que lhe dêem possibilidades. Não volta a pôr-lhe a gamarra, pois não?



Minha senhora, todos se ririam de mim se não a usasse! Mas nas subidas vou seguir a sua sugestão.



Obrigada. Vai ver que é muito melhor do que o chicote.

Mas nenhum cavalo aguenta excesso de peso. Enfraqueci tanto que me trocaram por um cavalo mais novo e fui vendido a Nicholas Skinner, que tinha muitas carruagens. Não fazia ideia como era dura a vida de um cavalo que puxa carruagens. Skinner era duro com os homens e eles eram duros com os cavalos. Trabalhávamos sete dias por semana, debaixo de sol ou chuva. Mas eu fazia o que podia e nunca me negava, pois, como dizia a pobre Ginger, não valia a pena. Os homens são mais fortes.

* parte do arreio dos cavalos de tração que cinge o pescoço

Um dia, depois de já ter trabalhado muito, fomos buscar uma família à estação de comboios.



Papá, este pobre cavalo não pode transportar-nos com a bagagem. Está muito fraco e cansado.



Quer outra carruagem para a bagagem?

O seu cavalo aguenta, ou não?



Claro que aguenta! Dê-me a sua bagagem, senhor!

Papá, alugue outro carro. Isto é uma crueldade.

Tolice, Grace. Entra e deixa-te disso.



A minha amiga teve de obedecer e a bagagem foi colocada na carruagem. Era muito pesada e eu já trabalhara muito nesse dia.

Tudo correu bastante bem até chegarmos à subida de Ludgate. Esforcei-me por continuar.



De repente, as patas escorregaram-me e eu caí no chão sem fôlego.



Não podia mexer-me, pensava que ia morrer. Alguém me desamarrou a correia do freio e deram-me alguma água para beber. Passado um bocado, comecei a reanimar-me.



Finalmente acabei por pôr-me em pé e fui levado à cavaleriça. Um veterinário veio observar-me.



Se lhe der
seis dias de
descanso, ele
pode voltar
a trabalhar.

Não tenho lugar
onde tratar de
cavalos doentes.
Uso-os enquanto
têm força e
depois vendo-os.



Há uma feira de cavalos
daqui a dez dias. Se lhe der
descanso e o alimentar,
talvez possa pedir alguma
coisa por ele.



Dez dias de descanso e boa comida fizeram-me bem à saúde. Então, fui levado para a feira, onde me encontrei lado a lado com cavalos velhos e cansados.

Willie, aí tens um cavalo
que já conheceu melhores
dias.



Este cavalo foi muito bem criado.

Não podia comprá-lo
e fazê-lo ficar
novo outra vez,
como fez com a
Ladybird?



Meu rapaz, não posso rejuvenescer cavalos. Além disso, a Ladybird não era muito velha.



Mas, avô, eu não acredito que este seja velho. Veja-lhe os dentes e já fica a saber.

Senhor, o seu neto tem razão. Este cavalo está apenas cansado. Vale a pena dar cinco libras por ele e dar-lhe uma oportunidade.



Muito bem. Levem-no para a estalagem.

É assim fui para casa dos Thoroughgood, uma casa como eu já não esperava voltar a ter.

Dê-lhe feno e aveia todas as noites e manhãs, e deixe-o correr no pasto.

E tu tens de olhar por ele, Willie!



O Willie vinha ver-me todos os dias com palavras amáveis e festas. Às vezes, o avô também vinha.

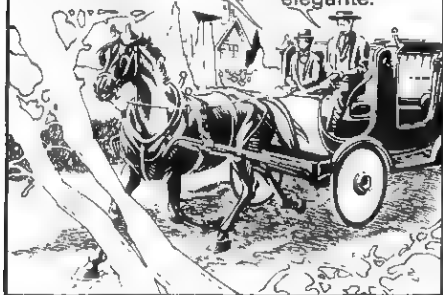
Ele está a ficar mais novo, Willie! No Verão vai estar tão bom como a Ladybird!



Na Primavera, o sr. Thoroughgood experimentou-me com a carruagem.

Estou tão contente por o avô o ter comprado!

Ele tem uma boca bonita e uma passada elegante.



Temos de arranjar-lhe uma boa casa onde cuidem dele. Estou a pensar na casa dos Blomefield.



Um dia, no Verão, atrelaram-me à carruagem e levaram-me a uma casa bonita perto da vila.

Estou certo de que é o indicado para as senhoras, Miss Blomefield... mas deixem o cocheiro experimentá-lo e vejam o que ele diz.



De manhã, um rapaz veio buscar-me. Quando viu os meus joelhos ficou desapontado.

Não pensei que vendesse à minha patroa um cavalo com cicatrizes.

Vai levá-lo só à experiência... mas estou certo de que vai gostar dele!



Fui levado para casa e posto numa cavalaria confortável. No dia seguinte, enquanto o cavaleiro me limpava a cabeça...

É como a estrela que tinha o Black Beauty. E é da mesma altura dele. Onde estará o Beauty agora?



Beauty, Beauty? Reconheces-me? O Joe Green que quase te matou?



Uma estrela branca na testa, a pata direita branca e uma mancha de pêlo branco no lombo. Tem de ser o Black Beauty!



Encostei o focinho ao Joe para lhe dizer que éramos amigos. Nunca vi um homem tão contente!

Dar-te uma oportunidade... claro que sim! Vamos passar bons tempos juntos!



Nessa tarde, Miss Ellen e o Joe Green levaram-me na carruagem. Miss Ellen era boa condutora.

Parece ser um bom cavalo.

É verdade, minha senhora... é o Black Beauty que era do Squire Gordon!



Vou escrever à sra. Gordon a dizer que o seu cavalo preferido está connosco! Ela vai ficar satisfeita.



Há já um ano que vivo neste lugar feliz. As minhas donas prometeram que nunca me venderiam, por isso nada tenho a temer. Os meus problemas acabaram e eu encontrei uma casa.



FIM

Muitas vezes, antes de estar bem acordado, sonho que ainda estou no pomar do Squire Gordon, debaixo das árvores, com a minha velha amiga. Se ao menos eu pudesse partilhar a minha felicidade com a pobre Ginger!

PERGUNTAS

1. Quem escreveu esta história? Porque o fez?
2. Qual foi a última casa para onde foi o Black Beauty? Ficou satisfeito? Porquê?
3. Quais foram os conselhos que o Black Beauty recebeu da mãe?
4. O que é que o Samson fez à Ginger? Procedeu bem?
5. O Black Beauty não atravessou a ponte. Se o fizesse o que teria acontecido?
6. Quantos donos teve o Black Beauty? De quem gostou mais? E menos?
7. O Black Beauty teve muitos donos que o obrigaram a usar gamarra. Quantos foram? Como se viu livre dela?
8. O Black Beauty ficou alguma vez doente? Porquê? Quem o tratou?

PALAVRAS A APRENDER

potro
dócil
trotar

veterinário
freio
crina

5
gamarra
flanco
sela

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotelevisão Portuguesa
e Editorial Publica
no âmbito do
Ano Internacional da Juventude



volumes publicados:

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS
Lewis Wallace BEN HUR
Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO
Anna Sewell O CAVALO PRETO

a publicar:

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS
Rudyard Kipling LOBOS DO MAR